

Dois textos inéditos, com ideal *franciscano*, de Afonso Lopes Vieira

Cristina Nobre*

Afonso Lopes Vieira (1878-1946) é um dos autores sobre quem parece que tudo já foi escrutinado; porém revelam-se sempre novos e surpreendentes textos que acrescentam ou abrem janelas até então encobertas.

Devo à bondade da sua afilhada, D. Helena Barradas, a partilha de dois textos manuscritos que se enquadram nesta tipologia. Os *Anais Leirienses* são – com todas as probabilidades – o local em que o escritor gostaria de os ver partilhados com os seus pares e todo o público interessado.

O primeiro intitula-se *ORAÇÃO DA MANHÃ*, está datado de 1910, e julho que se deve incluir na fase da sua obra em que o ideal de S. Francisco de Assis atravessou o seu caminho. Leia-se:

ORAÇÃO DA MANHÃ

Permiti, ó meu Deus, q̄ no meu dia
Eu veja uma criança contente a brincar!
Dai-me também, Senhor, esta alegria
De ver uma mulher bela passar...

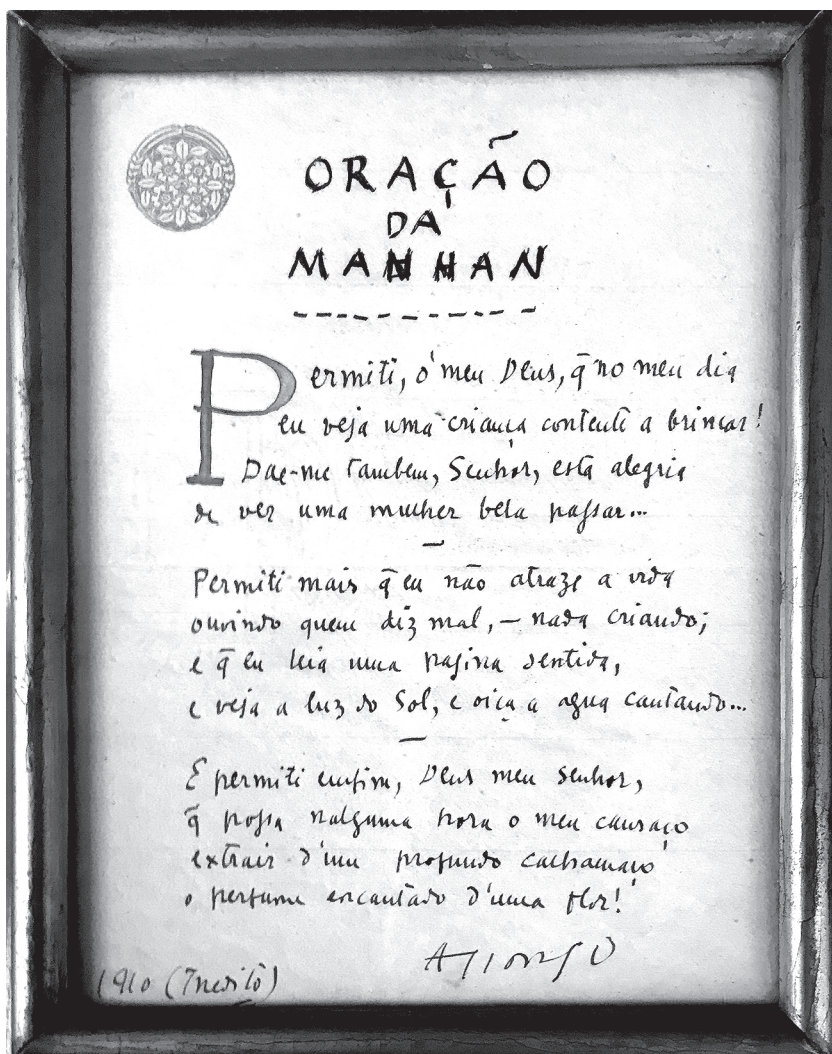
Permiti mais q̄ eu não atrase a vida
Ouvindo quem diz mal, – nada criando;
E q̄ eu leia uma página sentida,
E veja a luz do Sol, e oiça a água cantando...

* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPLeiria

E permiti enfim, Deus meu Senhor,
Q̄ possa nalguma hora o meu cansaço
Extrair dum profundo calhamaço
O perfume encantado duma flor!

Affonso

1910 (Inédito)



O leitor verificará que os 12 versos, distribuídos por 3 quadras, singelamente dispostos como um pedido matinal a Deus, se devem relacionar com o “Cântico ao Sol” publicado no livro de poemas de 1908, *O Pão e as Rosas* [PR], onde a admiração fervorosa pelos escritos de S. Francisco de Assis estava patente.

Depois da luta entre duas aspirações, a do *amor da Forma* e a do *amor da Justiça*, que *Ar Livre* (1906) e *O Encoberto* (1905) documentavam com clareza, a obra de Lopes Vieira entra numa fase em que os dois princípios tendem a *confundir-se* numa aspiração apolínea para o *amor integral*. No manuscrito B39, n.º 6811, do espólio da Biblioteca Municipal de Leiria, que intitulei *Notas Diversas* [ND] (transcrito em Nobre, 2005, II vol.), pode ler-se um fragmento muito elucidativo sobre PR: “*O Pão e as Rosas* — (título q. explica a dualidade, cada vêz mais característica, no nosso tempo, do amôr da Fôrma e do amôr da Justiça, – inconscientemente revelado já por mim no *Encoberto* e no *Ar Livre*. Esses dois amôres, aspirações para o Amôr integral, não se combatem em mim: tendem a *confundir-se*, e a hesitação entre um e outro é às vezes dolorosa, tendo sempre, num momento dado, uma ou outra predominância ideal. *Santo Apolo* será a fusão ideal dos dois sentimentos polares.....” [ND, IV: fr. 27 / Nobre, 2005, II vol.: p. 283]. Esta consciência autocrítica é reveladora da preocupação estética que sempre o acompanhou quanto ao processo criativo e às condições da produção poética.

Relevante é que o ideal de Apólo seja escolhido para esta conciliação, já que a polivalência dos seus dons, da guerra à medicina e da poesia à música, sem esquecer o da adivinhação e o da profecia, combina bem com a vertente solar por ela transportada para a poética do escritor. Apólo, por oposição a Dionísio, constitui-se como figura de sonho, capaz de suspender, com a bela aparência, a fúria da negação inerente às formas. Sergio Givone, no estudo sobre *Estetische e Poetische del Novecento*, refere-se às figuras nietzschianas de Apólo e Dionísio nestes termos: “[...] Tenebroso e terrestre, Dio dell’informe, è Dionisio. Luminoso e solare, Dio della forma, è Apollo. Dioniso e Apollo, l’ebbro Dioniso e il sognante Apollo, conoscono il mistero dell’essere. Ma Dioniso si dona al mistero, e nell’ebbrezza scioglie il principio d’individuazione che lo lega ai fenomeni, e non vuole altro che la volontà, non vuole altro che identificarse con il principio e con l’uno. Apollo, invece, aborre il mistero, e per sfuggire la spaventevole verità, si compone in una figura di sogno in cui la bella apparenza sospende la furia di negazione che si cela in tutte le forme. [...]” (Givone, 1973: 14).

É precisamente este desejo de encontrar belas aparências, capazes de suspender a fúria de negação dos ‘maldizentes’, que se espelha no poema inédito nas visões da ‘criança contente a brincar’ e na ‘mulher bela [a] passar’. O lado luminoso encontra-se na luz do Sol e na leitura de ‘uma página sentida’ e em toda a mãe Natureza, com a ‘água cantando’...: a sinfonia da musa natural a que a nova estética do poeta se deseja conforme. Daí que até a erudição (‘calhamaço’) só seja admissível se o criador a souber e conseguir transformar numa singela ‘flor’, com o seu ‘perfume’. Trata-se, sem dúvida, duma convocação dos sentidos e da afirmação assertiva da necessidade de traçar caminho, independentemente das vozes dos outros (‘quem diz mal, – nada criando’), capazes de fazer o sujeito ‘atrasar a vida’.

Talvez este confronto entre o eu e os outros tenha retido este poema inédito durante tanto tempo. Mas o mais interessante para mim, transcorridos que são 111 anos sobre o momento da criação/datação, é analisar os contextos paratextuais e verificar que o simples facto de o escritor ter mandado encaixilhar o poema manuscrito e o ter sempre perto do seu local de trabalho/criação, lhe terá servido como um alarme para não quebrar nunca o seu lado solar.

O segundo texto intitula-se *FLORINHA DE S. FRANCISCO DE ASSIS* e, embora não esteja datado, é possível que seja sensivelmente da mesma época (uma vez que pelo menos os autógrafos a tinta preta e a assinatura do nome com dois ‘ff’ são comuns durante a primeira década do século XX). A este soneto não foi atribuído idêntico valor pelo poeta, se aceitarmos que o não emolduramento e a ausência do autógrafo com a palavra manuscrita ‘inédito’ pode significar menos consideração da parte do escritor. Seja como for, não foi eliminado nem destruído e chegou até nós com boa preservação. Leia-se:

FLORINHA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Uma noite, Francisco foi tentado
pela lembrança íntima d’um lar;
pensou q̄ era doce ser-se casado
e ter à roda filhos a chilrear.

Cahia a neve pálida do ar.
Francisco então, sorrindo e enregelado,
sete bonecos pôs-se a fabricar
de neve, e diz ao tê-los acabado:

— Eis a tua família. Esta será
a tua mulherzinha, q̄ te adora;
eis os teus filhos e os criados teus...

Anda, anda, trata de vesti-los já
e de nelles cuidar!... Ah! Mas agora
ainda pertences todo, todo, a Deus?

Afonso

Florinha e S. Francisco
e Apis

Uma noite, Francisco foi tentado
pela lembrança íntima d'um har;
pensou q̄ era ou se casado
e tã a roda pinos a chiblear.

Cabria a neve patida do ar.
Francisco então, sorrindo e euzgelado,
sete bracos nã-te a fabricar
de neve, e dis ao tã-los acabado:

— Eis a tua família. Esta será
a tua mulherzinha, q̄ te adora;
eis os teus filhos e os criados teus...

Anda, anda, trata de vesti-los já
e de nelles cuidar!... Ah! mas agora
ainda pertences todo, todo, a Deus?

Afonso

Independentemente das ressonâncias atuais da temática tratada (o celibato e a constituição da família), o mais surpreendente parece ser a auto-consciência do monge, que procura um equilíbrio balanceado entre os seus desejos íntimos e o raciocínio pragmático ('vestir' e 'cuidar'), a que no soneto se alia o frio da natureza, como fator acutilante a fazer pender o braço da justiça para a aceitação da renúncia à vida familiar. Ou então o poder do lado espiritual e religioso, que faz parte integral da identidade de S. Francisco e que transforma estas 'lembranças' em não mais do que uma 'florinha', como o título colocou em destaque. Pelo menos momentaneamente, o cosmo vence as tensões do caos.



Afonso Lopes Vieira

A poética de Afonso Lopes Vieira continua indecisa, a oscilar entre uma tradição romântica, por onde todas as diferenças podem entrar, e uma tradição clássica, por onde toda a harmonia (o *bom-gosto*) da criação artística deve passar. Com o “acto em verso” *Rosas Bravas* [RB], de 1911, a poética do escritor inflete pelo luminoso caminho de um certo panteísmo *franciscanista* finissecular. Luís Machado de Abreu, num artigo dedicado à “Estética e ecologia no Portugal finissecular — a proposta de Jaime de Magalhães Lima” (in *Diacrítica*, n.º 6, 1991: 177-185), refere-se a esta nova percepção da natureza como mais uma percepção resultante

da ‘crise finissecular’: “[...] Foi de crise a experiência finissecular em Portugal. E entre os diversíssimos aspectos que na crise se reflectiram, enquanto consciência do processo de mudança profunda operada nas realidades materiais, na existência colectiva e na vida mental, conta-se a emergência de uma sensibilidade nova no relacionamento do homem com a natureza. A visão sentimental e de subjectiva identificação com os elementos naturais e os lugares, tão característica do romantismo, é substituída pela percepção objectal de curiosidade, pesquisa e fruição da natureza. [...]” (Abreu, 1991: 177).

O panteísmo (vd. Jundt, 1888; Plumtree, 1879) encontrou na época romântica uma atmosfera mística propícia ao seu desenvolvimento, repre-

sentada exemplarmente pela figura de Johann Wolfgang Goethe. O ideal do *franciscanismo* relaciona-se diretamente com a projeção da personalidade histórica de São Francisco de Assis (1192-1226), em especial com o fraterno sentimento pela natureza (vd. Santos, 1927; Lima, 1957), e teve um grande aproveitamento na literatura portuguesa desde o séc. XVI aos inícios do séc. XX (vd. Mourão-Ferreira, 1979). Interessa-nos a utilização que os poetas do início do séc. XX, reunidos à volta da revista *A Águia* a partir de 1912, vão fazer da figura exemplar de S. Francisco para demonstrar como a alma da natureza está presente em tudo e se torna, de certa forma, uma substituição de Deus.

Julgo que estes dois poemas inéditos de Afonso Lopes Vieira se enquadram, precisamente, nesse âmbito.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Luís Machado de (1991) “Estética e ecologia no Portugal finissecular – a proposta de Jaime de Magalhães Lima” in *Diacrítica*, n.º 6, 1991: 177-185.
- GIVONE, Sergio (1973) *Estetico e Poetico del Novecento*, Soc. ed. Internazionale, Torino.
- JUNDT (1888) *Histoire du Panthéisme au Moyen Âge*, Paris.
- LIMA, Jaime de Magalhães (1957) *Divagações de um terceiro. S. Francisco de Assis e a civilização que ele concebeu e professou*, ed. da C. M. de Aveiro.
- LOURÃO-FERREIRA, David (1979) s.v. “Franciscanismo” in *Dicionário de Literatura [...]*, org. por Jacinto do Prado Coelho, vol. 2, 3.ª ed., Figueirinhas, Porto, 1979, pp. 350-C / 351-A.
- NOBRE, Cristina (2005), Afonso Lopes Vieira. *A Reescrita de Portugal*, vol. I e vol. II – Inéditos, col. ‘temas portugueses’, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa.
- PLUMPTREE, G. E. (1879) *General Sketch of the History of the Pantheism*, London.
- SANTOS, Júlio Eduardo dos, (1927) *São Francisco de Assis*, Lx.